

A FUNÇÃO MATERNA E A GÊNESE DA SUBJETIVIDADE EM WINNICOTT E LACAN

Adriana de Albuquerque Gomes

Psicóloga. Mestre em Comunicação. Pós-Graduada em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem -
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Bauru, São Paulo (Brasil)

Email:

aalbpsi@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo discute algumas diferenças paradigmáticas entre o pensamento psicanalítico de Winnicott e de Lacan, focalizando suas divergências no que tange à função materna em sua relação com a gênese da subjetividade da criança. Parte-se do princípio de que o complexo de Édipo constitui o núcleo essencial em torno do qual gravitam tais divergências. Por fim, o conceito de espaço transicional é apresentado como um ponto capaz de gerar um diálogo profícuo entre os dois autores.

Palavras-chave: Subjetividade, psicanálise, Winnicott, Lacan

Na literatura psicanalítica, tanto Winnicott quanto Jacques Lacan reconheceram a importância da presença humana, enquanto representante da cultura, para o processo de subjetivação da criança. Para ambos, a característica essencial do *infans*¹, no que diz respeito aos primórdios da subjetividade, é sua vulnerabilidade e sua dependência em relação ao adulto.

Neste sentido, em consonância com Jerusalinsky (2007), “o olhar, o toque, a voz e sua modulação, especificamente dirigidos ao bebê, são sinalizadores insubstituíveis do lugar do sujeito em uma época da vida, na qual as partículas lingüísticas nada dizem à pequena criança” (p.42).

Contudo, enquanto Lacan toma como ponto de partida de seu ensino um retorno a Freud (Dor, 1992), nas pesquisas de Winnicott, o paradigma freudiano entra em *crise* para dar lugar ao

paradigma *dual*, assim denominado por Loparic (2005, grifos do autor) em virtude da importância do relacionamento mãe-bebê para o psicanalista inglês.

No contexto das diferenças profundas entre as propostas de Lacan e de Winnicott no campo psicanalítico, fundamental se faz assinalar a manutenção – no caso do primeiro – e a rejeição – por parte do segundo – do papel estruturante do complexo de Édipo, tal como Freud o concebeu.

Na “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista de Escola”, Lacan (1968) declara que, a seu ver, não existe Psicanálise sem o esquema teórico do Édipo. De modo geral, para este autor, a função fundamental do Édipo aparece como coextensiva à função paterna (Dor, 1992).

O estágio do espelho, que singulariza o pensamento lacaniano no cenário psicanalítico nas décadas de 30 e 40 do século passado, constitui a porta de entrada para a abordagem da problemática edípica.

Isto se explica pelo fato de Lacan situar o prenúncio do complexo de Édipo ao nível de um limiar específico do processo de maturação da criança, testemunha de um momento particular de sua vida psíquica. Este momento é contemporâneo ao estágio do espelho, quando o *infans* conquista a imagem de seu próprio corpo. A identificação primordial da criança com esta imagem promove a estruturação do “Eu” e coloca um ponto final na experiência que Lacan designa como fantasma do corpo esfacelado. Isso porque, antes do estágio do espelho, o *infans* não vivencia inicialmente seu corpo como uma totalidade unificada, mas como algo disperso. Esta experiência fantasmática do corpo esfacelado, cujos vestígios são marcantes nos quadros de psicose, encontra seu término na dialética especular, que culmina com a neutralização da dispersão angustiante do corpo (Dor, 1992).

De maneira sintética, pode-se dizer que o estágio do espelho refere-se à transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem (Lacan, 1998a).

Todavia, a questão revela-se mais complexa quando a criança, em quem já se esboça um sujeito, sai da fase identificatória, mas, nem por este motivo, deixa de estar em uma relação quase fusional com a mãe. O desejo da criança se faz desejo do desejo da mãe. A proximidade do *infans* em relação a quem o cuida, coloca-o em situação de se fazer objeto do que é suposto faltar a seu cuidador. Este objeto suposto ser capaz de preencher a falta do outro, interpelado como Outro, é, no paradigma lacaniano, o falo (Dor, 1992).

Mesmo ironizando a “Psicologia dos primeiros cuidados”, bem como os analistas que a ela se dedicaram, Lacan (1998a) não deixa de enfatizar que o Outro primordial, agente da linguagem, marca a criança com seus atos significantes na rotina diária de cuidados que garantem a manutenção da vida. Sem esta rotina, o bebê não conseguiria sobreviver, dada a insuficiência constitucional do sujeito humano.

O Outro, com letra maiúscula, *Autre*, em língua francesa, é definido por Lacan (2006) como o lugar da fala. Não é ali de onde a palavra se emite, mas onde assume seu valor de palavra.

A fala desempenha o papel essencial de mediação e, assim sendo, quando é realizada, a mediação muda os dois parceiros em presença (Lacan, 2005).

No entanto, se é desde o amor materno que a criança é convocada, por outro lado, ela ficaria presa ao corpo materno, e ao seu próprio, se dissesse sempre “sim” a esse chamado. Logo, é apenas ao dizer “não” a esse amor que a criança tem a possibilidade de se desenvolver (Levin, 2007).

Segundo Lacan (2005), toda relação a dois é sempre mais ou menos marcada pelo estilo do imaginário. Para que uma relação assuma seu valor simbólico é preciso haver a mediação de um terceiro personagem.

Em “O avesso da psicanálise”, Lacan (1969-1970/1992) afirma que sua referência ao Complexo de Édipo se dá pela via do conceito de metáfora paterna. Ele acrescenta, também, que o papel da mãe é, na verdade, o desejo da mãe.

É por isso, então, que, no seminário destinado à discussão dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Lacan expõe as duas operações lógicas de causalidade psíquica, a saber, a alienação e a separação (Lacan, 1964/1998b). Na primeira, o que está em jogo é o investimento libidinal da mãe em relação à criança. Já na segunda, é preciso haver um encontro da criança com a falta no Outro.

Para Freud, a diferença dos sexos constitui-se em torno da noção de falta, já que o órgão genital feminino só é distinto do masculino porque lhe falta algo. É essa noção, portanto, que suscita a promoção do objeto fálico e, dessa forma, justamente, o introduz radicalmente para além da realidade anatômica. Isso porque, em certo momento da evolução sexual infantil, há, para os dois sexos, um único órgão, o falo, o que explica seu primado. Por conseguinte, o falo se situa fora do órgão, ou seja, precisamente a nível daquilo que essa falta de órgão é suscetível de representar subjetivamente. Mas, eis que o real dos sexos impõe que sejam anatomicamente diferentes. Este real é, então, elaborado psiquicamente pela criança numa construção imaginária onde tal diferença é assujeitada à ordem de uma falta. Tal construção deixa implícita a existência de um objeto, ele próprio imaginário, o falo. O processo do complexo de Édipo dar-se-á, conseqüentemente, em torno da localização respectiva do lugar do falo no desejo da mãe, da criança e do pai, no curso de uma dialética que se desenvolverá sob a forma do “ser” e do “ter” (Dor, 1992).

Lacan (1998a) esclarece que a demanda de amor só pode padecer de um desejo cujo significante lhe seja estranho. Assim, se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-lo. Essa experiência do desejo do Outro é decisiva pelo fato do sujeito aprender, ao final, que a mãe não tem o falo, isto é, o significante do desejo do Outro.

Em outras palavras, pode-se dizer que, pela própria estrutura da linguagem, não há como os significantes ofertados pela mãe representarem totalmente a criança. Há, portanto, sempre um resto, que se caracteriza justamente pela impossibilidade de ser representado (Braga, 2005).

De acordo com Dor (1992), só existe relação fusional com a mãe na medida em que nenhum elemento terceiro parece mediatizar a identificação fálica da criança com a figura materna. A intrusão paterna na relação mãe-criança-falo se manifesta nos seguintes registros: interdição, frustração e privação. A ação do pai, simultaneamente interditor, frustrador e privador, tende a catalisar sua função fundamental de pai castrador. Enquanto o objeto da frustração, para Lacan, é real, o objeto da privação é simbólico. No que concerne à castração, a falta por ela interpelada é simbólica, na medida em que remete à interdição do incesto. Logo, a mediação introduzida pelo pai com relação à mãe, que o reconhece como aquele que dita a lei, leva a criança a investir o pai real de uma significação nova, já que ele passa a ser o suposto detentor do objeto de desejo da mãe. Por este motivo, ele é elevado à dignidade de pai simbólico.

No pensamento freudiano, diz Lacan (2005), a angústia está sempre ligada a uma perda, isto é, a uma transformação do eu, a uma relação a dois a ponto de se esvair e à qual deve suceder outra coisa, que o sujeito não pode abordar sem certa vertigem. Segundo o psicanalista francês, as estruturas de parentesco são complexas e não existiriam sem o sistema de palavras que as exprimem. Os interditos que regulam a troca humana das alianças se limitam a um número restrito. Consequentemente, termos como pai, mãe e filho não devem ser confundidos com relações reais; eles são, na verdade, significantes.

Em síntese, para a psicanálise de orientação lacaniana, o complexo de Édipo deve operar como uma função normativa. À mãe cabe dirigir seu desejo para outro que não a criança enquanto objeto de sua falta. Por ser castrada, ela introduz na relação com o filho a referência à palavra do pai (Hamad, 2002).

Como se vê, Lacan faz uso de operações lógicas para demonstrar que o humano é um ser produzido por uma falta. Além disso, ele enfatiza que o lugar de uma criança já se encontra constituído no interior da constelação familiar por meio das convenções de estruturas de parentesco, do nome que pode identificá-la com um ancestral e com a linhagem do desejo presente no Ideal do eu dos pais (Safatle, 2006).

Winnicott, em contrapartida, promove alterações substanciais em todos os elementos conceituais com que foi descrita a situação edípica por Freud: no lugar do sujeito com a constituição biológico-dinâmico-mental, o bebê que tem como única herança o processo de amadurecimento (que não é nem biológico, nem dinâmico, nem mental); no lugar da mãe-objeto pulsional, a mãe-ambiente; no lugar da experiência de satisfação instintual, as necessidades oriundas do próprio existir; no lugar da sexualidade infantil, a dependência; no lugar da mãe libidinal, a mãe da preocupação primária; no lugar da situação determinante a três, o bebê num mundo subjetivo de dois-em-um, próximo do estado de não ser. (Loparic, 1997).

Dias (2003) apresenta algumas concepções fundamentais da teoria do amadurecimento de Winnicott. Primeiramente, deve-se compreender que, para o psicanalista inglês, todo indivíduo humano é dotado de uma tendência inata – que, contudo, não vai de si, pelo simples transcurso temporal – ao amadurecimento, ou seja, à integração numa unidade. Para que esta tendência se realize, o bebê depende de um ambiente facilitador que forneça cuidados suficientemente bons. O estágio do EU SOU ocorre por volta de um ano ou um ano e seis meses e consiste em um marco do amadurecimento. Da vida intra-uterina até este momento, estão sendo constituídos os alicerces da personalidade. Após a conquista da identidade unitária, a criança, na faixa etária entre um e dois anos, defronta-se com a tarefa de integrar sua impulsividade instintual. Ela deixa de ser incompassiva – *ruthlessness* – para se tornar preocupada – *concerned*.

A preocupação, afirma Winnicott (1983), implica maior integração e crescimento e diz respeito ao senso de responsabilidade do indivíduo, especialmente no que tange aos relacionamentos em que entram os impulsos instintivos. Logo, preocupação indica o fato do indivíduo se importar ou valorizar, sentir e aceitar responsabilidade.

O psicanalista inglês entende que, a partir de uma interação primária do bebê com o ambiente, surge o indivíduo, o qual se torna capaz de existir no mundo. Disto, decorre o fortalecimento do *self* como uma entidade, uma continuidade do ser. E, então, advém a consciência – *awareness* – da dependência, e a consciência quanto à confiabilidade da mãe e de seu amor, que chega à criança sob a forma de cuidados físicos e adaptação às suas necessidades. Como consequência, tem-se o gradual reconhecimento da mãe como um outro ser humano, e simultaneamente, há, também, o reconhecimento do terceiro, do amor complicado pelo ódio e do conflito emocional. Esse todo é enriquecido pelo crescimento da psique juntamente com o do corpo e pela especialização da capacidade intelectual. Em paralelo, surge um desenvolvimento paulatino da independência em relação aos fatores ambientais, levando com o tempo à socialização. A saúde da psique deve ser avaliada em termos de crescimento emocional, consistindo em uma questão de maturidade. O ser humano saudável é emocionalmente maduro tendo em vista sua idade no momento e a maturidade o envolve em uma relação de responsabilidade para com o ambiente. Mas, se, de início, o bebê saudável vive independente do pai, este, por sua vez, é absolutamente necessário para proteger a mãe, que aceita o alto grau de dependência do filho como natural (Winnicott, 1990).

Em “O Brincar e a Realidade”, Winnicott (1975) afirma que a teoria do estágio do espelho de Lacan o influenciou a enunciar que o precursor do espelho é o rosto da mãe. Se, ali, onde o bebê se encontra, não houver ninguém para ser a mãe, seu desenvolvimento tornar-se-á comprometido. A função ambiental envolve, a seu ver, o segurar, o manipular e o apresentar objetos. À medida que os processos de amadurecimento se tornam mais apurados, as identificações se multiplicam e a criança fica cada vez menos dependente de obter de volta o eu dos rostos da mãe e do pai. Não obstante, quando uma família permanece íntegra e tem de si algo

em desenvolvimento, durante certo tempo, cada criança extrai benefícios daí: pode ver-se na atitude de cada um dos membros ou na atitude da família como um todo.

O mais importante, segundo o psicanalista inglês, é o reconhecimento do papel que os pais desempenham na facilitação dos processos de maturação de cada criança, no decurso da vida familiar. Quando as relações do bebê com a mãe transitam das puramente físicas para aquelas em que se opera um encontro do filho com a atitude materna, este puramente físico começa a ser enriquecido e complicado por fatores emocionais (Winnicott, 1982).

No célebre texto “Além do Princípio do Prazer”, Freud (1920/1968) sublinha que toda brincadeira infantil encontra-se sob a influência do desejo de ser grande e de fazer o que os mais velhos fazem.

Contudo, Winnicott (1999) salienta que a condição de ser é o início de tudo, sem a qual o fazer e o deixar que lhe façam não tem significado.

O autor explica que, no desenvolvimento da personalidade, a palavra chave é integração, visto que ela leva o bebê a uma categoria unitária, ao pronome pessoal Eu, ao número 1. Isso torna possível o EU SOU, que dá sentido ao EU FAÇO (Winnicott, 1989). Ele comenta, em “O Brincar e a Realidade”, que o sujeito humano experimenta a vida na área dos fenômenos transicionais, isto é, em uma área intermediária entre a realidade interna do indivíduo e a realidade compartilhada no mundo externo à subjetividade. Os objetos e fenômenos transicionais pertencem ao domínio da ilusão, que está na base do início da experiência. Não é o objeto que é transicional; ele representa a transição do bebê de um estado em que está fundido com a mãe para um outro em que se relaciona com ela como algo externo e separado (Winnicott, 1975).

O objeto transicional é postulado por Winnicott (1999) para simbolizar a confiança e a união entre o bebê e a mãe dedicada comum. Esta, inicialmente, pelo processo de identificação primária, é considerada como parte do filho que ela mesma gerou – ou que acolheu como tal. Posteriormente, contudo, a mãe começa a produzir desadaptações gradativas às necessidades da criança. Conforme assinala o autor, quando o bebê adquire um interior e um exterior, a confiabilidade do meio ambiente passa então a ser uma crença, uma introjeção baseada na experiência de confiabilidade – humana e não mecanicamente programada. Não se trata, portanto, de que a mãe seja perfeita, mas, sim, de que demonstre ao bebê que, apesar de cometer erros, ela o ama e, por este motivo, tenta ir corrigindo suas falhas na vida cotidiana.

A mãe propicia o aparecimento de um hiato entre os dois, permitindo que o bebê experimente pela primeira vez uma separação entre eu e não-eu. Simultaneamente, ela favorece o preenchimento desse espaço com os fenômenos transicionais, impedindo que uma efetiva separação se efetue, dotando tal espaço de um caráter potencial. A mãe suficientemente boa sustenta as experiências ilusórias iniciais sem violentar a experiência legítima e necessária de onipotência do bebê para, só depois, introduzir a desilusão como caminho para o reconhecimento da realidade externa. O lugar do *self* winnicottiano em ação é o campo relacional que une e

separa, ao mesmo tempo, indivíduo e ambiente, interioridade e exterioridade. Portanto, nem propriamente interno, nem totalmente externo, ele só se revela em sua plenitude quando as fronteiras entre realidade interior e exterior se encontram esmaecidas (Bezerra Jr., 2007).

Lacan (citado por Miller, 2005), em seu turno, procura demonstrar como à falta do sujeito pode responder uma falta no Outro. Ele distingue o sujeito e o Outro a partir de dois conjuntos e, por meio deles, ele inscreve dois modos de relação: a alienação e a separação. Assim, o sujeito encontra a equivalência de sua falta na falta do Outro. O objeto *a*, conceito lacaniano por excelência, é uma consistência lógica, feito dessas duas faltas que se recobrem. Logo, a partir da falta, criada de algum modo pela castração, o desejo se institui e, é por esse motivo, que Lacan pôde falar de objeto causa do desejo.

Entretanto, como bem pontua Nasio (1993), o objeto do desejo não pertence nem à mãe, nem ao filho. O objeto *a* cai no entre-dois, na intersecção do Outro com o sujeito, e sua queda é representada por Lacan com dois círculos de Euler que se superpõem. Mas, por que Lacan escolhe a letra “a”? A invenção do objeto *a* – *a* referindo-se à primeira letra de *autre*, outro em francês, o *alter ego* – responde a diversos problemas, o principal deles encontra-se na pergunta: quem é o outro? O conceito de objeto *a* tem, então, a função central de nomear uma questão não resolvida, ou, melhor, de expressar uma ausência. Que ausência? A ausência de resposta à pergunta colocada anteriormente.

Em “Além do Princípio do Prazer”, Freud (1920/1968) relata a observação do comportamento de seu neto de um ano e meio, interrogando o significado de um jogo repetido compulsivamente pela criança. A brincadeira consistia em fazer desaparecer um carretel, preso por um barbante, jogando-o para baixo de seu berço, para, logo em seguida, fazê-lo voltar à cena. Esses dois momentos eram acompanhados pelos vocábulos *fort* (longe) e *da* (aí). Compreendendo a atividade lúdica como um processo de simbolização capaz de responder à renúncia pulsional, a qual a criança havia sido submetida devido à perda do objeto materno, Freud já fornecia um exemplo maior do objeto transicional de Winnicott em seu papel de defesa contra a angústia. Para Lacan, o carretel, longe de ser apenas um símbolo da mãe, é, na verdade, um pequeno algo do sujeito que se destaca, ao mesmo tempo em que a ele continua pertencendo. O objeto *a* define-se, nessa perspectiva, como objeto do desejo do Outro (Safatle, 2006).

O que aproximaria, então, Winnicott de Lacan? É evidente que ambos não recuam diante da complexidade e que tentam lidar com o que resiste ao discurso científico pela via do discurso psicanalítico. Filiados à tradição freudiana, construíram um estilo próprio, fundando noções originais.

Winnicott (1975), representante ímpar da tradição inglesa de psicanálise, afirma que “o paradoxo aceito pode ter um valor positivo” (p.30). Além disso, espera que o pensamento psicanalítico seja capaz de utilizar a teoria dos fenômenos transicionais para descrever o modo

como uma provisão ambiental suficientemente boa torna possível, ao indivíduo, “enfrentar o imenso choque da perda da onipotência” (p.102).

Na condição de líder da vertente francesa de transmissão do legado freudiano, Lacan recorre à matemática e ao objeto a , artifício do dispositivo analítico para contornar a rocha do impossível, um ponto de resistência imensa ao desenvolvimento teórico. Por não ter encontrado a solução esperada e necessária a uma questão, Lacan marca, então, com uma notação escrita – a letra a – o furo opaco de sua ausência de saber. Assim, pela colocação de uma simples letra no lugar de uma resposta não fornecida, torna-se possível continuar a pesquisa, sem que a cadeia do saber seja rompida. Graças a essa notação, prossegue-se no movimento de formalização com outros sinais escritos, que liberam o psicanalista de perguntas insolúveis (Nasio, 1993). Com o desenvolvimento do conceito de objeto a , Lacan (citado por Safatle, 2006) sublinha a topologia de borda que lhe é própria, já que ele marca um espaço de quiasma entre o sujeito e o Outro, entre o dentro e o fora. Ele chega a falar, a esse respeito, “do que há de mais eu mesmo no exterior” (p.207).

É importante esclarecer que, na formulação deste conceito, Lacan foi influenciado profundamente por Winnicott, cujas idéias brilhantes ele nunca deixou de elogiar em alguns de seus seminários, reconhecendo, destarte, sua dívida simbólica para com seu ilustre interlocutor. Não se deve esquecer, contudo, que, para o psicanalista francês, há um desvio das necessidades do homem pelo fato de ele falar e, isto não é efeito de sua dependência real, mas da configuração significativa como tal. É, portanto, do lugar do Outro que sua mensagem é emitida. Ele considera, então, que discorrer sobre o instinto uretral ou anal tem pouco sentido, ao passo que, levar em conta a etologia animal ou as incidências subjetivas da prematuração neonatal no homínídeo revela-se de grande interesse (Lacan, 1998a).

Winnicott não compartilha, em absoluto, de tais premissas. Ele redescreve a sexualidade humana a partir de duas raízes: a instintual, sendo os instintos entendidos como impulsos biológicos, e a identitária (Loparic, 2005). O surgimento das relações objetais, para este psicanalista, é uma conquista que só pode ser compreendida ao se dar a devida importância à dimensão natural, ou seja, pré-social, da experiência humana no mundo.

Além disso, ao passo que Lacan recorre à lógica e a topologia para demonstrar a contradição inerente aos processos inconscientes, Winnicott se singulariza por um pensamento que acolhe a ambiguidade para apontar a relação e a não-relação entre sujeito e objeto no espaço potencial.

Logo, embora teorizem de maneira distinta a função materna em relação à gênese da subjetividade da criança, os dois autores convergem na demarcação de uma área intermediária da experiência, ou seja, entre o subjetivamente concebido e o objetivamente percebido. Trata-se, portanto, de uma contribuição de valor incontestável ao campo inaugurado por Freud.

REFERÊNCIAS

- Bezerra Jr., B. (2007). Winnicott e Merleau-Ponty : o *continuum* da experiência subjetiva. In: Bezerra Jr., B. & Ortega, F. *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Braga, L. P. (2005). Dos traumas ao mundo misterioso de Thomas. In: Colli, F.A. G. & Kupfer, M. C. M. (Orgs.). *Travessias inclusão escolar: a experiência do grupo ponte Pré-escola Terapêutica Lugar de Vida*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005, 43-64.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Dor, J. (1992). *Introdução à leitura de Lacan – v. 1*. Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (1968). *Au-delà du principe du plaisir* (1920). Paris : Éditions Payot.
- Hamad, N. (2002). *A criança adotiva e suas famílias*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Jerusalinsky, A. (2007). *Psicanálise e desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Lacan, J. (1968). Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'école. *Scilicet*, Champ Freudien, Seuil, Paris,1,14-30.
- _____. (1992). *O seminário: livro 17 – o avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1998a). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1998b). *O seminário: livro 11 – os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (2005). *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (2006). *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Levin, E. (2007). A formação da imagem corporal: psicanálise e psicomotricidade. In Jerusalinsky, A. (Org). *Psicanálise e desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 63-74.
- Loparic, Z. (1997). Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 4 (2), 375-388.
- _____. (2005). Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade. *Natureza Humana*, 7 (2), 311-358.
- Miller, J. A. (2005). *Silet: os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Nasio, J. D. (1993). *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Safatle, V. (2006). *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*. São Paulo: Editora Unesp.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- _____. (1982). *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC Editora.
- _____. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____. (1989). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- _____. (1999). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.

¹ *Infans*, termo que Lacan utiliza para denominar a criança no período anterior ao da aquisição da língua materna.